

Sobreviventes dos Três Poderes

ÉRICA MONTENEGRO
E FERNANDA VELLOSO

DA EQUIPE DO CORREIO

Vizinhas de cenários de cartões-postais, as invasões da área central de Brasília se sofisticaram ao ponto de alcançar níveis de hierarquia social. Os mais pobres puxam papel no braço, com carrinhos de supermercado ou carroças de madeirite. Os intermediários fazem o serviço com carroças de tábuas e a ajuda de cavalos. Os mais endinheirados possuem carros e pagam para alguém catar os papéis desperdiçados pela alta burocracia brasiliense — concentrada ao longo da Esplanada dos Ministérios e ao redor da Praça dos Três Poderes.

Na invasão localizada próxima à Academia de Tênis, Francisco Erismar da Silva, 38 anos, vive com a mulher e 11 filhos, com idades entre 14 e 3 anos. Todos dividem o mesmo cômodo de uma barraca de lona grande, mas, em anexo, está um outro cômodo pequeno — é a barraca do funcionário de Francisco. “Eu pago R\$ 10 por dia para ele catar papel para mim”, conta o patrão Erismar, que também se responsabiliza pela comida do rapaz.

Morador do cerrado há mais de 20 anos, Francisco tem três carros na porta do barraco: um Gol 1986, um Opala 1990 e um Fiat Uno 2003. Um dos carros, ganhou de um morador do Lago Sul. “Carro não é sinal de riqueza não. Está difícil achar quem compre estes aqui”, desconversa ele que já foi dono de quatro cavalos. “Dois, morreram. Dois, roubaram”. A renda mensal da família varia entre R\$ 800 e R\$ 1 mil. “Já foi melhor, mas dá para viver”.

Ele não é o único a ter carro ali. O vizinho Josué Severino da Silva, 24 anos, também é dono de um Opala velho. “Não vale nem R\$ 800. Só vendendo latinha de alumínio dá para comprar um

desses”. Apesar de já terem sido retirados do local várias vezes e serem obrigados a esconder as crianças os catadores sempre voltam para perto do poder.

Na hierarquia social das invasões, o patamar mais baixo é ocupado por pessoas como Rosimeire da Silva Batista, 41 anos. Rosimeire não tem carroça, nem cavalo, mesmo com seu 20 anos de cerrado. Junto com o filho puxam papel com um carrinho de madeirite improvisado. “O governo disse que ia proibir, então eu me livre logo do cavalo e da carroça”. Rosimeire também está por baixo da hierarquia das invasões porque não tem casa próxima da pista. “Quem fica perto da pista é privilegiado. As pessoas sempre dão alguma coisa”, conta ela.

Problema crônico

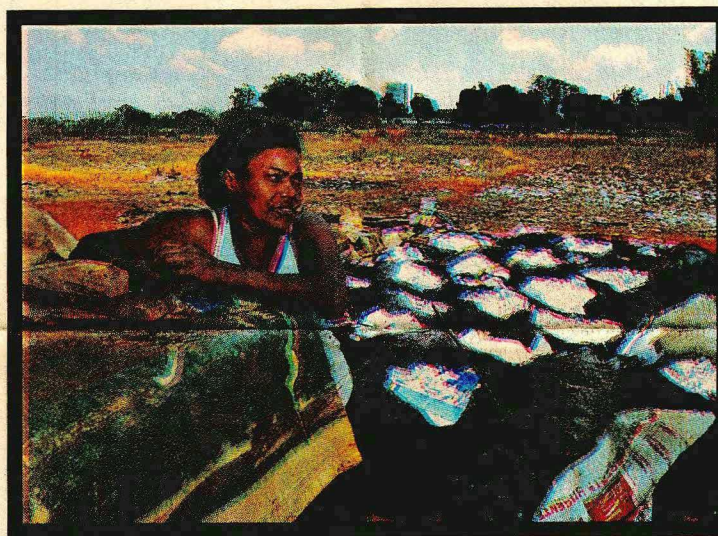
O cerrado de Rosimeire está no Setor de Garagens, atrás do Ministério da Justiça e do Senado Federal. “Criei meus dois filhos pulando de um lado para o outro. Eles tiram a gente de uma área, a gente constrói em outra”. Avó há menos de um ano, Rosimeire mandou a filha Clécia, de 16 anos, e o neto Gabriel para a casa da mãe do genro, em Taguatinga. “Não pode ter criança pequena aqui, porque os conselheiros tutelares não deixam. Mas, estou morrendo de saudades deles”, relata. Quando Gabriel estiver maior, ela planeja trazê-lo de volta.

As invasões da área central da cidade já são um problema crônico. Pelo menos oito delas (veja mapa) já têm mais de 10 anos de existência. “Nós fazemos operações de retirada todas as semanas, mas não adianta. Os moradores sempre voltam”, relata o capitão Eduardo Conde, chefe de Operações da Subsecretaria de Defesa do Solo e da Água (Sudes). Nos últimos seis meses, foram 58 operações com a derubada de 1.150 barracos de lona e madeirite.

Fotos: José Varella/CB - 29/10/07



NA MAIORIA DAS INVASÕES QUE SURGEM NAS PROXIMIDADES DA ESPLANADA VIVEM EM MÉDIA 30 PESSOAS EM BARRACOS DE LONA, PAPELÃO E MADEIRITE



ROSIMEIRE DA SILVA, QUE NÃO TEM CARROÇA, TRANSPORTA O LIXO NO BRAÇO



FRANCISCO, CATADOR PIONEIRO: 11 FILHOS, CARROS E FUNCIONÁRIO PAGO